

O NOSSO BLOCO ACABOU

1. ***Começar de Novo*** foi o projecto estratégico que presidiu ao nascimento do Bloco de Esquerda: “pôr fim ao rotativismo do centrão” em que “nada se espera do PS nem se fica à espera do PCP”. Com o soçobrar do Leste, era necessária uma alternativa que renovasse a esperança na luta por uma nova sociedade. Pela sua consistência e radicalidade, apontando à luta anticapitalista e abrindo-se às ideias socialistas e da democracia a que juntou uma visão associada à defesa da natureza e dos direitos fundamentais do ser humano, em todas as suas vertentes e expressões decorrentes e compatíveis com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Bloco de Esquerda afirmou-se na sociedade portuguesa.
2. **A luta contra o imperialismo e as manifestações contra a guerra em 2001 e 2003 cimentaram um projecto que suscitou entusiasmo popular** e adesão de múltiplas personalidades que alargaram o apoio dos militantes das forças que lhe deram origem, conferindo assim consistência à proposta política de que resultou a eleição de dois deputados para a AR e ainda um deputado para o Parlamento Europeu em 2004. A representação institucional manteve-se com altos e baixos. Hoje com um deputado na AR, uma deputada no PE e uma vereadora (eleita em coligação com o PS), depois de ter alcançado uma representação de 19 deputados na AR em 2015 e 2019, 3 deputados no PE em 2009 e 12 vereadores em 2017.
3. **O Bloco esteve na iniciativa e na primeira linha da necessária resposta à política brutal imposta pela troika.** Porém, o restrito núcleo dirigente, iludido com um PS supostamente interessado na continuidade da chamada “geringonça”, cedo transformou um acordo fruto das circunstâncias, numa estratégia que o fez perder autonomia política. Confundiu-se com a prática do Governo. Cedeu na afirmação de propostas fundamentais de reforço do SNS, enfrentamento da crise habitacional, abolição das medidas que vieram a estar na base da propostas do Governo para revisão da legislação laboral. Não foi claro na recusa da ofensiva contra lutas sindicais, como a dos motoristas de matérias perigosas e a militarização do direito de greve, o ataque à luta dos estivadores pelo contrato coletivo e a resistência à requisição civil, as medidas laborais na crise pandémica. A centralidade do trabalho foi-se esbatendo.
4. **A perda sucessiva de eleitos, sendo muito significativa e contínua, foi sintoma evidente de acentuada quebra de influência política e social. Tornou-se insustentável.** A estratégia de uma “esquerda grande” ou da “participação no governo, com indicação de ministros concretos”, substituindo uma estratégia autónoma, levou ao caminho da derrota. Ao longo de todas as eleições, a maioria da Direção saída das últimas Convenções Nacionais recusou-se sistematicamente a fazer, e a apresentar aos militantes, os balanços absolutamente necessários para interpretar as razões do descalabro e, a partir daí, refletir e corrigir o que devesse ser corrigido tendo em conta os fundamentos do *Começar de Novo*.
5. **A força começou a perder-se, logo, quando foi assinalado que o projecto do Bloco teria o seu cerne político a partir da ação no Parlamento.** A centralização da atividade, o cercear da democracia e da participação, os cadernos eleitorais não atualizados, as Convenções adiadas e fora dos prazos estatutários, as sucessivas perseguições através de comissões de inquérito e sanções, a recusa anti estatutária em aceitar a expressão de Assembleias Distritais na indicação de candidatos, criaram um

caldo de cultura antidemocrático e de mal-estar que culminou com os despedimentos arbitrários por posicionamentos políticos críticos ou no caso das “mães que ainda amamentavam”.

6. **A centralização das decisões num Secretariado sem competências para tal, mas onipotente, levou ao afastamento de quem expressava posições críticas ou alternativas**, nomeadamente de muitos que lhe tinham dado o primeiro fôlego aquando do seu aparecimento, levou à desmotivação e mesmo ao abandono de centenas de militantes, de muitos dirigentes nacionais e distritais.
7. **Em vez de militantes, tivemos “aderentes”, e a organização de base foi desprezada ao ponto de, onde existia, nomeadamente na forma de núcleos, ter sido inviabilizada com base em decisões *ad hoc* e violentamente persecutórias**. Assim, transformou-se uma organização pujante de militantes, num sistema de grupos organizados e fechados (tendências) à margem da democracia do Bloco, onde tudo se decidia, o que, em última instância, resultou num único objetivo: manter um poder blindado à crítica e constituído por inamovíveis, contra os interesses próprios do Bloco enquanto entidade coletiva e plural. O debate para definição das orientações políticas, em vez de plural estreitou-se nas baías impostas pela maioria da Direção.
8. **O restrito núcleo dirigente assumiu-se como incapaz de colocar em causa o rumo da “geringonça”**. Passou a ser visto como um apêndice do PS. Da resposta política certa, o Bloco embarcou acriticamente na “geringonça”. Afeioou-se à ideia de doces entendimentos e, a despeito e contra o seu próprio programa transformador, colocou como objetivo central, proclamado na Convenção de 2019, a participação no Governo, numa triste rendição a uma social-democracia por sua vez dissolvida no neoliberalismo. Com isto o caminho da extrema-direita ficou mais aplanado, para além dos diversos fatores políticos e sociais que impulsionaram o seu crescimento. Quando, perante a evidência da derrota dessa orientação, o Secretariado tentou dar um sinal contrário, já não foi a tempo. Descredibilizou-se perante a opinião pública. Os resultados eleitorais não deixam margem para dúvidas.
9. **A ausência de combate à política antissocial do governo de António Costa levou à penalização do Bloco pela linha ziguezagueante e incoerência do voto no Orçamento/2021, assim como pela convivência com o Governo de maioria absoluta que abriu o espaço à vitória da direita e à progressão e afirmação da extrema-direita**. O apoio à guerra da Ucrânia, em vez da defesa com toda a urgência de um plano de paz, com medo de perder votos, sob o pretexto de que era uma luta pela autodeterminação, escondeu toda a intervenção da NATO a Leste que acabou por ser argumento para a condenável invasão russa. Este comportamento errático ajuda a explicar a votação no Parlamento Europeu (19.Out.2023 RC-B9-0436/2023) a favor do projeto de resolução que, em plena ofensiva militar israelita e cerco a Gaza, apoiava o “direito de Israel se defender” em preparação do genocídio, e que só uma semana depois veio a emendar.
10. **Errar é humano. Reconhecer o erro também o é. Porém, o núcleo dirigente impôs-se autocraticamente recusando uma reflexão autocrítica, recusando fazer qualquer balanço da ação política do Bloco fossem quais fossem os resultados, caluniando, perseguindo mesmo, as vozes críticas que alertavam para a perda de influência e credibilidade políticas e para a necessidade de mudança de rumo**. Com argumentos em apoio, muitos militantes procuraram internamente inverter o centralismo do Secretariado, a desqualificação da Comissão Política e da Mesa Nacional onde estavam representadas outras sensibilidades, foram exigidos em Convenções Nacionais balanços

fundamentados dos resultados e das decisões para que daí se pudessem retirar as devidas consequências políticas. Ficou evidente que para o Secretariado era um exercício impossível. Obrigaria ao reconhecimento de erros graves e da aguda necessidade de mudar a linha política que o sustentou nos últimos anos. O núcleo dirigente central não estava disponível para se colocar em causa.

11. **A maioria da Direção afastou-se do pulsar e do sentimento popular, burocratizou-se e institucionalizou-se, ficou insensível à crítica interna e sem projeto político autónomo credível;** “a verdade oficial da burocracia é a de não ser”, como ressalta Guy Debord. Quer pela capitulação à pressão do social-liberalismo mascarado de social-democracia, quer pela consequente degradação da organização democrática que alijou a participação dos militantes feitos aderentes, o Secretariado abandonou o projecto que nos conjurou e entusiasmou.
12. **Assim, o Bloco a que aderimos e ajudámos a construir com entusiasmo e empenho já não o é. Sabendo que muitos dos que ainda permanecem, são genuínos militantes por uma esquerda de combate. Sem pena, dadas as circunstâncias expostas, mas lamentando o fim de um projecto que se destinava a unir amplos setores da sociedade por uma alternativa contra a hegemonia neoliberal, tendo como horizonte a radical transformação da sociedade, deixamos de ser bloquistas porque o nosso Bloco acabou.**

Sempre empenhados em começar de novo, a luta continua.

Adelino Granja – 4507 – Leiria

Alberto de Sousa e Silva – 197 - Vila Nova de Gaia

Ana D’Espiney - 15161 - Lisboa

Ana Paula Vidal Bastos – 16582 - Porto

Ana Rute Domingues Araújo – 11619 - Maia

André Queirós Amorim – 1227 - Maia

Aniceto Correia - 968 - Seixal

António Castela - 14823 - Lisboa

Antonio Joaquim Soares da Luz – 342 - Porto

António Miguel - 10714 - Lisboa

Armando Rocha - 14192 - Lisboa

Carlos Madruga - 300 - Lisboa

Carlos Marques - 1095 - Lisboa

Daniela Louro - A3144 - Lisboa

Diogo Miguel Pinto Borges – 12897 - Porto

Eduarda Monteiro -1094 - Lisboa

Eva Luísa da Rocha Coelho - 10108 - Penafiel

Fernando Bessa Ribeiro – 14319 - Braga

Fernando Napoleão Campos Oliveira – Ovar

Filomena da Conceição Sousa Cirne – 9050 – Vila Nova de Gaia

Francisco Amorim dos Santos Baptista - 1235 - Maia

Francisco Tomás - 755 - Seixal

Gabriela Mota Vieira – A3844 – Açores

Israel Silas Domingues Araújo - 10508 - Maia

Ivo Emanuel Moreira Barros - 9043 - Penafiel

João Eugénio Teixeira Loureiro - 12544 - Maia

João Marques - 6763 - Lisboa

João Mota - 15430 - Sintra

João Vaz - 2743 - Lisboa

Joaquim Fernando Pereira Araújo - 10222 - Maia

Jorge Afonso – 102 - Aveiro

Jorge Nicolau de Sousa Lourenço - 1240 – Porto

José Bastos – 5958 - Lisboa

José Carlos Lopes – 697 - Ovar

José Casimiro - 660 - Lisboa

José Domingues Pereira Frutuoso - 10436 - Maia

Leandro Miguel Bastos Pires - 16051 - Porto

Leonor Antunes Magalhães Carvalho Pinto – 15350 - Amarante

Liberato Ribeiro de Almeida – 702 - Ovar

Luís Miguel Vale - 3823 - Porto

Luís Possantes - 14559 - Lisboa

Lurdes Maria da Silva Gomes - 9844 - Vila Nova de Gaia

Luz Celeste Vieira Queirós dos Santos Baptista - 1246 - Maia

Manuel Carlos Silva – 12121 - Braga

Maria do Carmo - 6132 - Lisboa

Maria do Sameiro - 596 - Lisboa

Maria Elisa Carvalho Antunes Magalhães - 3812 - Amarante

Maria Jose Magalhães - 1340 - Porto

Mário Correia - 7958 - Lisboa

Mário Tomé - 3716 - Lisboa

Miguel Cabral - 2247 - Lisboa

Nelson Jorge Pereira Moura - 14875 - Maia

Nuno Manuel dos Santos Silva - 14874 - Maia

Paulo Renato Cardoso Ricardo - 2055 - Porto

Pedro Queirós Amorim - 1261 - Maia

Pedro Soares - 108 - Lisboa

Ricardo Salabert - 1961 - Porto

Rui Castro - 4760 - Lisboa

Vítor Ferreira - 719 - Lisboa

William Naval - 7334 – Lisboa

Contactos: António Soares da Luz – 919920374; José Bastos – 919831036; Mário Tomé – 965217115.

2026.07.14